

Boneca de milho, trapo e sangue.

eu era uma criança, uma artista em fase de crescimento, em mim brotara a vontade de poetizar as coisas muito cedo. nasci numa família de agricultores, em época de colheita, como é de costume, todas as pessoas se juntam para receber da terra o que meses atrás nela fora arado, colhíamos milho, feijão, mandioca, alho e bananas. eu não entendia muito bem aquilo de colher, não queria na verdade tirar do pé as bonecas-espigas de milho com seus cabelos de cores variadas e vestido verde com drapeado branco. eu gostava mesmo era de trançar aqueles cabelos, fazer penteados dos mais variados, transformar aqueles fios em formas, ver corpos humanovegetais naquilo que as outras pessoas enxergavam alimento. me davam um saco pequeno, na verdade maior que eu, para que com minhas mãos moles ajudasse na colheita. minutos depois, meu pai ou algum irmão mais velho o encontrava jogado em algum canto e eu perdida a trançar e conversar com as bonecas. era surra e gritos na certa, mas eu corria e ia parar no brejo ou em algum lugar ermo da fazenda, fugindo desde cedo da labuta braçal para cantar e dançar com os bichos, ou colher cigarras.

hoje, depois de passear pelas ruas do centro, resolvi sentar na praça da piedade, fumando um cigarro, bebendo água e observando algumas crianças que brincavam com frutas caídas de uma árvore, acendi minha dose de nicotina em tubos de papel branco e filtro vermelho. quando ergui a cabeça, três erés me fitava com olhar de malcriação, falavam entre si, me ignorando como se eu ali não estivesse, ou se eu fosse uma das estátuas enfeitando a praça.

- é um viado! disse o mais velho, que devia ter no máximo cinco anos.
- não! é uma mulher. disse o segundo, de cabelos queimado e amarrados para trás, um ano mais novo. calculei pelo olhar de admiração que lançava no mais velho.

o terceiro respondeu mais convicto ainda.

- mentira, é uma travesti. uma boneca

eu cá do meu canto, fumando meu cigarro estava, fumando fiquei, apenas concentrei meu olhar no mais velho, que tomava o centro da cena. em suas mãos as frutas de oiti, reconheço essas frutas pelo cheiro, a parte da frente da casa em que nasci ainda tem uma árvore igual a essa, eu costumava subir e cai algumas vezes de seus galhos. eu o olhei nos olhos, nada vi além de uma criança criada no centro de salvador, então pela primeira vez desde que essa cena havia começado retruquei feito aquela eré que mora dentro de mim, aquela mesma que trançava bonecas de milho:

- que foi, nunca viu?

ele, o menino das mãos cheias de oiti, levantou o queixo e me desafiou:

- eu vou jogar em você. disse mostrando as frutas
- porque você vai jogar em mim? questionei
- você vai me bater? disse ele rindo, tendo certeza da resposta
- não!
- tu é pra matar ou pra cumer, eu vou te matar!

escrevo agora com o mesmo vazio que senti no momento, me debruço sobre essas linhas e não sai de mim aquela sensação de não pertencer a mim mesma. Não foi a primeira vez que houve essas palavras direcionadas a mim, mas a única em que elas saíram da boca de uma criança. eu estava gelada, oca, quando ele terminou o papo

- vou chamar meu pai.

e saiu correndo com os outros o seguindo como fiéis escudeiros em direção a rua da força. eu me levantei, joguei o cigarro no chão, nem lembro se havia continuado fumando durante

a ação e me encaminhei em direção a joana angélica, mecanicamente entrei no shopping lapa ou no piedade, nao sei direito, me peguei subindo e descendo escadas rolantes tentando achar a saída daquele lugar em que eu havia me enfiado, dentro de mim e na arquitetura comercial, labirinto donald's, mc donald's, isso, sentei em frente, já estava meu corpo do lado de fora do prédio, minha alma tinha sumido, acendi mais um cigarro para regressar, voltar pra terra.

fiquei ali por um tempo até me lembrar que eu tinha um espetáculo pra ver.

...

fumo, encontro uma amiga, minha pulseira rosa ou amarela, já não me lembro me que verei apenas um circuito do espetáculo AFRONTE AKULOMBEE dirigido pela terrível Thiago Romero, na rua estávamos, na rua o ritual começou, fumaça, coreografia, cantoria, frutas, água, penas e meu corpo já tremia, eu voltada o oco que tomava conta de mim. eu voltada quando uma entidade máscara me gritou Travesti!, eu acordava e voltava a mim. dentro daquele corredor de fumaça e fogo, ouvindo o canto e o pisar leve dos performers- atores-entidades (nao sei como chamar) balançando o chão e quase colocando a escada a baixo, de repente alguém vem com um lenço nos braços, dentro uma boneca, meus olhos já marejaram, eu me via dentro daqueles trapos, finos trapos de tina melo, eu já estava descalça, e o conto da boneca que consertava bonecas, que fazia delas entidades me levou de volta para dentro de minhas caixas de agulhas e meus guardados de trapos. sou de guardar, acúmulo peças e pedaços de bonecas. costuro abayomis e vodus com ervas, tecidos. aquela cena, aquele ninar tb me acalentava... pediram pra alguém ler uma carta, era uma notícia, era a morte de mais uma boneca, era mais uma sendo tratada como trapo que não serve mais, era mais uma jogada na beira da estrada, era mais uma degolada, ou que tinha suas partes arrancadas, era mais uma tratada em um nome que não lhe cabia. meu peito já sangrava. eu tinha vontade de gritar. mas em seguida uma luz azul deu forma a água que caia nas mãos da mais lânguida das quatro entidades, banhando e molhando nao so a entidade mas quem próximo estava, a água já lavava meu rosto com seu perfume de calma, segui por um correr entrei para contemplar as potestades míticas, travestis-bonecas-rainhas ancestrais, aquelas que já se foram mas que desafiaram tempos piores que o nosso, aquelas que já travaram a briga pelas vestes antes mesmo de decidirem por nós quem veste azul ou rosa, aquelas que ocuparam as ruas dessa antiga capitania, o cigarro sendo pisado, a batina sendo vestida, as mãos do carrasco cristão dizendo quem é o que. um samba e uma catuaba, um vouge e um mexer de mãos, aquele negocio que da no meu do cu e sobe pra cima tudo, eu já era outra e nem sabia, eu já era elas, e elas já moravam aqui dentro dos meus próprios trampos, minha palha, meu sangue, que já jorrava novamente, eu já não era oca, eu já havia sido de novo concertada e repostada na rua, eu era de novo uma boneca.